ANO 3.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1923 N.º 778

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 48

O SR. Orestes Britto, que veiu de Parahyba a Melgaço, para tratar da sua saude, publicou agora em volume as suas «notas de viagem» nas quais há observações interessantes a respeito de Portugal, e, de mistura, erros que demandam rectificação.

Fixando, por exemplo, as impressões da sua chegada a Lisboa, diz o sr. Orestes:

«Ao dar os primeiros passos numa pequena parte da cidade, verifiquei que estava entre um povo activo e que trabalha, embora se exagere um pouco aqui a sua actividade e a sua grandesa, como se vê num comentario que transcrevo do «Diario de Lisboa», a proposito de uns premios conferidos no pavilhão português da Exposição do Rio de Janeiro. —«Portugal é um país tão grande, que até a sua propria preguiça possui virtudes que todo o mundo galardoa». Como hyperbole, vale.»

Antes de mais nada, a prova de que a afirmação do «Diario de Lisboa» não vale apenas como hyperbole, tem-na o sr. Orestes no proprio facto que no-la determinou. Depois, é para lamentar que a fina observação do ilustre viajante se tenha contentado com «os primeiros passos numa pequena parte da cidade» para se assegurar da capacidade de trabalho de todo um povo, e, em consequencia, do valor hyperbolico da frase que nós dissemos e lhe causou engulhos.

* * *

AS reparações alemãs voltam a preocupar novamente a opinião publica tanto da metropole como das nossas colonias que reclamam a sua parte na distribuição de reparações em especie.

Assim, diz-se, que altas individualidades alemãs terão acordado ou formado um «consortium», para tal fim, o qual chamaria atravez do grupo Stinnes a maioria desses fornecimentos com aplauso assegurado de elementos portugueses da alta industria e da politica. Correm tais assuntos pela pasta dos Estrangeiros e tanto o ilustre titular actual daquela pasta como os seus antecessores deverão decerto ter providenciado no sentido de que se dê a Portugal o que lhe pertence e bem assim que tais reparações sejam ou representem o verdadeiro valor das importancias atribuidas ao país, e de acordo com o valor dos mercados.

* * *

O ESTADO, desde ha muito, tem varias restituições de dinheiro a fazer a diversos contribuintes, uns porque pagaram a mais as suas contribuições, outros porque, tendo-as pago indevidamente, têm direito ao seu reembolso. Desde agosto que a repartição competente vem reclamando do ministro das Finanças os creditos necessarios para estes pagamentos, tanto mais que a sua retenção nos cofres do Estado representa quasi uma imoralidade. Como o conselho de ministros está prestes a reunir de novo para tratar da actual situação politica, é de crer que se aproveite este ensejo para resolver uma situação que não nada tem de agradavel.

* * *

RECEBEMOS uma formosa *plaquette*, intitulada *Um Apostolo da Instrução Popular*, consagrada á comemoração da memoria de Casimiro Freire, no quinto aniversario da sua morte.

* * *

DO sr. Mateus de Barros, recebemos, a proposito do concurso das moedas uma carta que, por nos ter chegado a hora tardia, publicaremos ámanhã.

AS MOEDAS

Um depoimento interessante

Sabendo que chegara a Lisboa, ha poucos dias, o sr. Almeida Brandão—homem franco, desempenado e forte—procurámo-lo, para que nos dissesse o que se passara com a sua proposta, no primeiro concurso das moedas. Eis em sintese o que dele ouvimos:

1.º—Que foi um verdadeiro concurso, com dia e hora marcada e caderno de encargos que lhe foi distribuido, bem como a outros concorrentes—afirmou-nos com decisão.

2.º—Desejando ele saber em que termos podia tentar a cunhagem duma medalha para comemorar o *raid* Lisboa-Rio, procurou, na Casa da Moeda, o sr. Lucio de Azevedo o qual lhe demonstrou prontamente que o negocio não dava para a pena. Mas como o sr. Almeida Brandão mostrasse ter á sua disposição bronze-aluminio, veiu á baila a cunhagem da nova moeda e a possibilidade de ele se apresentar no respectivo concurso. O sr. Lucio de Azevedo não o desanimou, antes pelo contrario.

3.º—Pediu um caderno de encargos que lhe foi dado, mas, ao informar-se das condições acentuou o sr. Lucio de Azevedo que era indispensavel tratar com uma de cinco casas francesas que constavam duma lista—as unicas que poderiam fornecer *flans* iguais aos da Casa da Moeda de Paris.

4.º—No dia e hora marcados para a entrega das propostas, apresentou a sua, em seu proprio nome, sem indicar a casa fabricante.

5.º—Passados dois dias, o sr. Lucio de Azevedo telefonou-lhe para o seu domicilio, convidando-o a ir á Casa da Moeda, pois tinha que lhe falar com urgencia.

6.º—Apenas entrou, no seu gabinete, logo o sr. Lucio de Azevedo lhe garantiu que não aceitaria a sua proposta, sem que lhe declarasse, se ela pertencia ao numero das mencionadas numa lista, *em cujo topo aparecia a «Compagnie Francaise des Metaux» que não figurava na primeira lista*, dando como motivo da sua exigencia o facto da Casa da Moeda de Paris ter levado dois anos em experiencias no estudo da liga metalica bronze-aluminio com tais casas.

7.º—No dia 19 de junho de 1923, o sr. Almeida Brandão depunha nas mãos do sr. Lucio de Azevedo, com grande pasmo seu, um aditamento á sua proposta em que declarava o nome da casa fabricante e oferecia as garantias e cauções que não vinham pedidas no caderno de encargos—*bons de la Defense nationale Francaise*, bem como se comprometia a submeter o seu fornecimento ao exame da Casa da Moeda de Paris.

8.º—Ficou aguardando os acontecimentos que excederam toda a sua expectativa, pois lhe vieram trazer a informação de que o concurso não era... concurso, mas sim uma consulta a varias entidades.

9.º—A impressão que se lhe gravou no espirito, mas bem radicada, foi de que a sua proposta era a melhor, pois, álem de mais, pedia uma comissão muito reduzida— o que contrariava talvez outra proposta.

Como perguntassemos ao sr. Almeida Brandão porque não fôra ao segundo concurso, respondeu-nos:

— Por entender que a minha dignidade assim o exigia!

Curiosidades inocentes

Que obnoxia e teimosa ideia foi essa do sr. Lucio de Azevedo se dirigir telefonicamente a um concorrente para lhe fazer uma comunicação tão estupenda.

— Se ele tivesse a convicção que se tratava duma simples consulta e não dum concurso, para que dar-se a incomodos e fadigas tais?

— Como se explica que só na segunda lista de casas fabricantes se faça menção da *Compagnie Française des Metaux?*

— Qual o motivo por que o sr. Lucio de Azevedo se obstinava em recomendar as casas francesas, quando ainda ha dias afirmou, no jornal *A Tarde*, que preferia o trabalho da industria nacional?

— Porque, antes de abrir-se qualquer concurso, não se averiguou se os *flans* podiam ser fabricados, entre nós?

— Havia alguma hostilidade contra as casas fabricantes inglesas ou americanas?

— Porque não se preferiram as moedas em cupro-niquel, aproveitando-se o cobre da carga dos navios alemães e comprando-se o niquel?

GATUNOS SEM SORTE

— Que azar o nosso. Chegamos precisamente no dia em que eles pagaram as novas contribuições...

DO sr. Sidonio Pais, filho do falecido presidente da Republica sr. dr. Sidonio Pais, recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Trabalho de manhã até á noite e não me sobra tempo para seguir as questões politicas debatidas nos jornais, embora admire em v. um dos jornalistas portugueses que tem cultura e sabe pensar.

Não vi, portanto, senão tarde, o artigo do sr. dr. Azevedo Neves sôbre a obra de meu Pai e a resposta do sr. Capitão Feliciano da Costa.

Embora, devo confessá-lo, me seja sumamente desagradavel que um amigo e colaborador de meu Pai afirme em publico que Ele errou, não posso de forma alguma admitir o absurdo que seria a intenção da parte do sr. dr. Azevedo Neves de diminuir a figura de meu Pai, abstendo-me, portanto, de outras referencias a este assunto.

O que, porém, não posso sr. director, é, nesta ocasião que se me oferece, deixar de recordar que Mussolini, apontado em toda a parte do mundo civilisado como um inovador politico, foi precedido pela alta figura historica de meu Pai, cada vez mais alta, mais nobre, mais desinteressada, á medida que a crise do constitucionalismo mais nos vai mostrando a baixeza, a desilegancia moral, o materialismo grosseiramente disfarçado, desse sistema, o que desejo afirmar bem alto, que, perante a historia, o primeiro golpe conscientemente dado do alto do Poder no sistema politico caracterizado pela hedionda trilogia: Parlamentarismo, Diluição da Disciplina, Culto da Irresponsabilidade, foi vibrado pela espada de meu Pai.

Sem mais, sou com toda a consideração e estima de v. etc.—*Sidonio Pais.*

* * *

PASSA hoje o segundo aniversario dos sanguinolentos sucessos de 19 de Outubro. Recordamos, neste momento, a memoria de Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia e das outras vitimas, e curvamo-nos reverentes ante o seu sacrificio — ao qual directamente devemos a tranquilidade gozada de há dois anos a esta parte.

* * *

RECEBEMOS um numero unico de *O Intransigente* editado pelo irmão do almirante Machado Santos. Publica numerosos depoimentos de revolucionarios de 5 de Outubro, desfazendo as acuzações feitas pelo sr. dr. Teofilo Braga, num jornal brasileiro, á acção do malogrado fundador da Republica.

* * *

ENCONTRA-SE á venda e em distribuição o n.º 3 da revista mensal—*A Pesca Maritima* que publica o seguinte sumario: *As pescas e a administração; Produção e uso dos oleos extraidos de animais marinhos; Sondagens pelo eco; Secção de estatistica; Secção oficial; Noticiario.*

* * *

TEMOS o grande prazer de anunciar aos nossos leitores o aparecimento dum volume de poemas—*O Sinal dos Tempos*, de que é autor o ilustre poeta dr. Alberto Osorio de Castro. Brevemente nos ocuparemos dele.

* * *

EMBORA se tivesse noticiado que o brilhante escritor Tomaz Ribeiro Colaço ia dedicar-se ao teatro como comediante, o que é certo é que a sua intenção é interpretar exclusivamente um papel de responsabilidade numa peça da sua autoria.

* * *

ABRE no dia 5 do proximo mês de novembro a Escola de Arte de Representar, dirigida pelo distinto actor-ensaiador sr. Araujo Pereira. Funciona na rua Antonio Maria Cardoso, 20, 1.º.

Tauromaquia

Os quatro azes

Os rapidos juizos criticos dados com a oportunidade de terem alternado em Mérida algumas das mais modernas e prometedoras figuras do toureio, lograram interessar aficionados portugueses menos a par do movimento tauromaquico. A esses aficionados brindamos novas ligeiras apreciações do baralho apresentando os ultimos azes, se tivermos em conta que «El Gallo» e Belmonte que anuncia voltar a tourear, são restos gloriosos dum baralho incompleto desde a tarde tragica de Talavéra.

«La Rosa», Juan Luiz, de Jerez, a cuja alternativa assistimos recebida das mãos do saudoso «Joselito» na «monumental» de Sevilha de curta duração, é um toureiro fino que fez a sua aprendisagem com Chicuélo e Granéro na grande Universidade das vacadas de Salamanca e acusando sobre estes duas vantagens não confirmadas, possivelmente por falta de saude. Tem por vezes boas tardes, mesmo boas series de tardes, o que lhe tem permitido arrastar a fama de toureirito de bom estilo. Na mesma data e cidade mas na praça de «La maestranza» vi doutorar-se: «Chicuelo», Manuel Jimenez, de Sevilha e creado em Pedrouços, Lisboa, nesta coincidencia de terem dado aqui os primeiros passos grandes figuras como Joselito, Belmonte, etc. «Chicuélo», como «El Gallo», é um toureiro de graça natural e intuição e como este pleno de irregularidades e despreocupações. Ha tanta harmonia toureira na sua figura infantil, tanto «temple» e arte que nalgumas sortes — exemplo: o passe natural «o quite de delantal», é inexcedivel e dá a sensação requintada do mais fino aroma. Quando quere — e ultimamente tem querido — é o toureiro nado e estético que encanta aficionados e profanos. Quando se destápa esta garrafa do melhor vinho andaluz invade as praças um aroma divino, mas «Zocáto» seu tio e mentor, cuida bem de pôr a rolha para se não perder...

Depois destes, e ainda em Sevilha, foi a alternativa do infeliz companheiro da escola de Salamanca; «Granéro», Manuel, de Valencia, estudou violino que abandonou atraído pelos touros que o haviam de matar prematuramente, após um rapido triunfo que o levou de bezerrista a novilheiro e depois a matador, tudo na mesma temporada.

Adivinhava-se em «Granéro» uma tão grande admiração por «Josélito», que o imitava em todos os detalhes do vestuario, vida e toureio, e o destino brindou-lhe um fim semelhante ao do seu mestre e modêlo, que conseguiu imitar com a diferença que vai da copia ao original.

Nunca esquecerei a sua morte, debaixo dos meus olhos, no «tendido» 2 da praça de Madrid. Um touro de Verágua, carregando nas táboas, como todos os de Verágua, arrancou fixo no infeliz «Granéro» que, desejoso de apagar o insucesso dumas tardes em Sevilha e Valencia, preferiu aguentar a crise. Foi colhido pelo sovaco, depois por uma perna e projectado contra a barreira, onde ficou hirto, voltando o touro por ele e destrozando-lhe o craneo pelo orificio da orbita e com a resistencia do estribo. Quando o levaram á enfermaria ia morto e essa dolorosa impressão tivemos todos. A corrida suspendeu-se e os meus telegramas foram os primeiros a comunicar a fatalidade aos aficionados de Lisboa —Club Tauromaquico e «peña» Artur Teles.

Este tragico desaparecimento não impede que o infeliz «Granéro» pertença de direito a este baralho; unicamente existe a vaga que está a concurso. Quem se apresenta? Vilhalta? Algabeño?

Resta «Lalanda», Marcial, de Tolêdo, conhecido de Lisboa onde toureou de «niño», com seu primo Pablo, que deu esperanças de az de espadas, chegando a convencer «Santonillo», querido amigo e cronista do «Diario de Noticias», de vantagens sôbre Marcial. Corcovado, fraco de peito e viciado de contorsões amaneiradas, Marcial, que vi receber alternativa em Sevilha e confirmar em Madrid, na tarde da tragedia de «Granéro, é, no entanto, um formidavel «muletéro», valente sem exagêros, dominando e ocupando um dos melhores logares da primeira fila pelo saber e fôrça de vontade.

E aqui fica, para recreio dos aficionados e para a hipotese pouco provavel dos empresarios os quererem trazer a Portugal, os azes existentes. «Chicuélo?» «Lalanda?» Quem joga?

A. Terrible Pérez.

AOS QUE REGRESSAM
das praias e campos, sem calçado, recomenda-se a
SAPATARIA CHIADO
O melhor calçado e mais barato de Lisboa

«VIENT DE PARAITRE»

Os livros da semana

"Timor, fantasma do Oriente„ pelo alferes Antonio Metéllo

"De longe„ versos de Caetano Campos

"... Cinza e nada„ de Felix Bermudes

Timor, fantasma do Oriente — O alferes Antonio Metelo, apenas saído da Escola, com a sua vintena de anos, a sua centena de esperanças, o seu milhar de generosas ilusões, um belo dia, por bravata, por amor de aventura, enrolou a sua ligeira bagagem, vestiu a sua branca farda colonial, e embarcou num navio holandês da carreira das Indias neerlandesas, com destino a... Timor.

Entre nós, até hoje, Timor tem sido quasi exclusivamente o sinistro sinonimo de presidio, degredo, territorio de inferno. Até hoje, entre nós—ainda enfaticamente alcunhados de terceira potencia colonial, nas folhinhas do ano e na Sociedade Primeiro de Dezembro—Timor, como as nossas restantes colonias, é uma vaga lingua de areia, perdida no vasto Oceano, e onde ha macacos, pretos, palhotas, palmeiras, e ás vezes tambem a arvore das patacas. Timor, em resumo, entre nós, bastardos e espurios filhos daqueles que deram

... mundos novos ao mundo

é hoje um pretexto apenas, (e em que ninguem acredita já), para mais alguns amanuenses.

Timor, afinal, é quasi um mito.

E o alferes Antonio Metelo, com a fé ilusoria dos seus vinte anos, e a mesma ingenua bravura dos antigos navegadores, acaba de nos descobrir essa ilha perdida da Malasia de entre as brumas tenebrosas da ignorancia colectiva, e do seu ignaro patriotismo de goela e de gamela.

Em meia-duzia de vigorosas paginas, dum excessivo impressionismo por vezes, desiguais, atropeladas, mas igualmente e fortemente sentidas, e gritantes de tinta, concisas de traços, derbordando de entusiasmo e juventude por todas as entrelinhas, o alferes Metelo dá-nos, primeiramente, com um fino tacto de aguarelista, a sua longa travessia de três oceanos, as paisagens, a côr local e a atmosfera propria de cada porto de escala, até ao almejado termo do seu destino —Dilly; depois, noutra meia-duzia de paginas fotografa a paisagem de Timor, *essa paisagem que faz sofrer e faz pensar*; num terceiro capitulo em desordenado e descuidado amontoamento de factos, anedoctas apontamentos. pinta ao vivo, em cores crueis de realismo, e sem nenhuma especie de literatura, aquele caracteristico, pardo, sorna, tropego marasmo da vida oficial das colonias portuguesas nos tropicos, tão fielmente semelhante entre si, e tão conhecida de todos aqueles que conhecem as colonias, que um homem que habite a Guiné ou Moçambique pode exactamente reproduzir, o que a tais horas, de tal dia, se está passando em Damão, em Macau, ou em Timor. E por fim, num severo capitulo intitulado «*O que eu pensei!*» — satira sangrenta ao seu funcionalismo e ao seu *habitat*, o auctor fez a traços largos uma sorte de plano de reformas politicas, com um amargo, um sombrio pessimismo, apenas temperado pelo mais entusiastico louvor a essa *Timor-maruvitha*.

Este opusculo do alferes Antonio Metelo, incidentalmente, um extraordinario merito, e bem merece ser lido, por muitos, por todos os portugueses. A sua prosa é descuidada — prosa de soldado e de viajante; o plano do livro não foi meditado, não foi previamente estudado. Certas infantilidades, duma altivez de adoravel sinceridade, fazem por vezes sorrir dando ao texto um valor novo.

Mas apesar dos seus defeitos e das suas irregularidades, é um livro que, se o tempo nos sobrasse, daria pretexto a uma interessante série de ensaios, á inglesa, sob este tema palpitante:

Porque falhou entre nós o espirito colonisador?

«De longe»—Versos de Caetano Campo.

Mais um poeta, com o seu voluminho de versos, vem de longe, ao que parece, enfileirar na grossa falange de poetas que aos quatro cantos de Portugal sonham e penam.

Fatalidade da raça, fatalida da epoca, em cada alma lusa sonho de amor que germina, é livro de sonetos que desponta.

Este novo poeta, apesar dos deslises e das incertezas em que aqui, acolá, tropeça a sua doce inspiração, vive, porém, tão candidamente feliz nas abstracções do seu sonho e nos caminhos romanescos da sua fantasia, que é uma suave tarefa acompanha-lo, de longe, risonho, contente, ocupado apenas da sua felicidade e do seu canto, como um melro no seu ramo de ulmeiro.

Oxalá, nos futuros cantos que promete, a sua musa, como agora,

... já não possa envelhecer,
E tenha a mesma idade eternamente.

«... Cinze e nada» —de Felix Bermudes.

Nos seus ocios de feliz humorista, Felix Bermudes, por um luxo de elegancia mental, tem dado tambem á estampa varia produção de prosa e verso que agora reuniu em volume, sob o sugestivo titulo de «*... Cinsa e nada*».

O titulo já por si, condensa, na sua aforistica nudez de formula catolica, a despretenciosa feição destes escritos, mais apontados que realizados, num espirito de improvização boemia que é-o seu mais gostoso sabor.

Lastimamos apenas este mau séstro de misturar prosa e verso, com a mesma precipitação leviana de quem mistura *alhos com bogalhos*. E' uma nota de mau gosto lamentavel.

Afóra essa pécha, ha paginas que se leem com agrado; e se bem que nada augmentem á sua consagrada reputação de excelente humorista, não o diminuem nem comprometem, antes pelo contrario lhe dão uma nota de humanidade que a completa?

E, de resto, o sugestivo titulo de «*... Cinza e nada*» é a sua melhor defesa, a sua melhor autocritica, a sua melhor *boutade*.

...Por onde se reconhece a marca de boa contrastaria, do seu talento de humorista!

«*... Cinza e nada*» podia tambem intitular-se «*Um violino de Ingres*».

Carlos Selvagem

Estreia da Troupe Judite de Sousa no Chiado Terrasse

Estreia-se hoje no Teatro Chiado Terrasse a Troupe Judite de Sousa, sob a direcção do actor José Dubini. Constituem esta troupe, alêm de distinta actriz, os aplaudidos artistas, D. Aurora Lima, José Dubini e Antonio Mouchet.

Do seu primeiro programa constam o «lever de rideau» escrito expressamente para apresentação da nova troupe e intitulado «Os comediantes» e um acto de variedades em que se destacam dois numeros de caracteristico sabor alfacinha «Scenas da Mouraria» e o «O Sapateiro e a Visinha».

A troupe Judite de Sousa apresenta-se com scenario proprio, completamente novo.

No «écran» exibem-se os «films» d'arte: «Branquinha a lavandeira» e «Jaula dourada».

CINEMA CONDES

A estreia de hoje—«Calvario de Amor»

E' hoje, finalmente, a estreia no Condes do notavel drama de arte «Calvario de Amor», que é um dos mais notaveis trabalhos dos grandes artistas da «Casa do Misterio», Charles Vanel, e do «Justiceiro», Nathalie Lissenko. A estreia deste «film» já vinha sendo anunciada ha tempos, não se tendo podido realizar mais cêdo em virtude de ser muito disputado o direito da sua exibição por varios cinemas do país e estrangeiro.

TIPOS E PEÇAS DE RECAMBIO
PARA TODAS AS MAQUINAS DE ESCREVER, ETC.
Telefone N. 3158 OLIVER, LIM. R. Prata, 250, 2.º

Mundanismo

Perfil

Pequenina, gentil, tem nos olhos toda a sua espiritualidade, uns olhos negros grandes, profundos, melancólicos, a alma vê-se-lhe através aqueles dois horisontes, a voz suave, velada, lembra um murmurio de fonte, donde se escoa um fio de agua cristalina e branca (como o seu nome).

Vejo-a por aí, por essas ruas, e do seu perfil, da sua carinha de imagem vem talvez a ideia de vestir-se de Santa Rita e tirar uma fotografia, onde as palpebras descidas olhando a cruz, lembra uma virgem, sempre pura, imaculada e branca.

Os seus olhos imensos, profundos e melancolicos, têm a calma dos lagos silenciosos, onde florescem plantas esquisitas, superficiais como deve ser o seu pensamento de papillon andando á aventura. Assim ha-de findar esta criança de 18 anos, tão fragil e doentia que só tem uns olhos negros profundos e melancolicos

Maria

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Camila Coutinho de Mendonça Morais Sarmento, D. Julia Candida do Couto Valente da Fonseca Zuzarte da Ponte Horta Gavazzo, D. Margarida Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Maria Amelia de Almeida Napoles de Carvalho e D. Antonia Pinto de Castelo Branco.

E os srs.:

D. Fernão Gil de Castro (Nova Góa), comendador Carlos Nunes Teixeira, dr. José Soares da Cunha e Costa, Manuel Pinto Rodrigues da Costa Barros (Alvelos) e Estevão Van-Zeller.

Pontos de reunião

A nossa primeira sociedade dá [illegible] amanhã, á tarde, nas «matinées» dos salões Foz e Chiado Terrasse, onde se efectuam festas dedicadas ás crianças, e á noite, na recita da moda do Apolo, primeira em que se representa a celebre revista de distinto comediographo sr. Eduardo Schwalbach e, no S. Luiz, egualmente recita da moda e primeira representação, esta época, da interessante opereta austriaca «Viuva Alegre», á qual a companhia Armando de Vasconcelos presta a sua melhor cooperação.

Em viagem

Regressou de Viana do Castelo, ao Porte, a sr.ª D. Leonor da Silva.

—De Gondomar, regressou á sua casa no Porto, acompanhado de sua espesa a senhora D. Maria de Castro Fernandes, o sr. Manuel Baptista Fernandes.

—Chegou de Cerveira o sr. dr. Manuel de Carvalho.

—Regressaram de Ilhavo os srs. Filipe de Oliveira e Antonio Maria Lopes.

—Regressou de Aregos, ao Porto, o sr. Samuel Paixão.

SOROS DO PROF. MARAGLIANO
ANTITOXINAS SOFOS
DEPOSITARIOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — PORTO

BLENORRAGIAS
KAVAFORM
DÁ MARAVILHOSOS RESULTADOS
Em todas as Farmacias e nos Depositarios:
Costa & Campo, L.da
RUA AUGUSTA, 229-3.º
LISBOA

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C.-587 Telegramas: Melloseque

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

LIVROS NOVOS

"Sumario de varias cronicas,,

por André Brun

Transcrevem-se as cronicas

"Um berço,, — "Os dentes,, — "Exame de consciencia,, e "Circulo vicioso,,

Um berço

Dona Aninhas nasceu ontem. A' hora em que as paixões tumultuavam e corria o sangue nas ruas, ela fez serenamente a sua entrada no mundo com uns olhos negros cheios de curiosidades, umas ondeadas melenas de cabelo escuro e duas covinhas risonhas no seu rosto rosado.

Mal se apercebeu do mundo de enganos em que viera cair, tratou de aprender a chorar e, assim que soube, não se calou emquanto lhe não deram o unico prazer que a vida lhe concede por emquanto: o de mamar sofregadamente ,ao passo que as suas mãosinhas, tão pequeninas que cabem ambas num beijo só, significavam um contentamento que ainda não sabe exprimir-se doutro modo.

E quando adormeceu por fim, carinhosamente velada pelo olhar de quem lhe deu o ser, eu busquei adivinhar que fadas, boas ou más, volteavam, na penumbra do quarto, em torno das rendas do seu berço.

Serão as fadas que dão a Beleza e a Ventura, que hão de atapetar de rosas o caminho dos seus passos? Serão as outras, as fadas da Tristeza, da Melancolia e da Amargura? Enigma cruel, que aperta o meu coração, emquanto os meus olhos repousam sobre o pequenino ser que tanta alegria me trouxe...

Que destino será o teu, amor da minha vida, cujo pranto é como um chilrear de ave e rebôa como um trovão na ancia do meu peito? Podesse eu fadar-te e não haveria princesa de lenda mais idealmente linda e graciosa do que tu, não haveria mulher venturosa, cuja felicidade á tua se igualasse. Dar-te-ia todas as bençãos e todas as galas, todos os sorrisos e todos os contentamentos. Com meu sangue coloriria, se preciso fosse, a rubra flôr do teu triunfo.

Pobre pequenina, que ainda não acabaste de dormir o teu terceiro sôno e já és a minha felicidade, o motivo do meu anceio, a razão dos meus esforços, a fonte do meu orgulho e a alegria da minha casa!

11 — Maio — 1915.

Os dentes

Ontem surgiu o primeiro dente de D. Aninhas. Ha longos dias que se fazia anunciar, era esperado com anciedade e á noite rompeu á sucapa. Emquanto de volta todos lhe festejavam a chegada, D. Aninhas ficou muito séria com o beicinho grave e fazendo festas ao logar dorido com a ponta da linguita côr de rosa.

Então sentei-a defronte de mim na sua almofada e fiz-lhe este pequeno discurso:

—«Minha senhora filha! Ter dentes não adeanta nada. Ha quem viva optimamente sem eles e até com dentes postiços. O problema principal da existencia está no comer. «To eat or not to eat», diria Shakespeare. E, por muito pouca importancia que se ligue ás tentações dessa serpente, que se chama o intestino, o comer, se para uns é diversão, é para todos uma necessidade. Não só de pão vive o homem, dizem os poetas. Pois no angariar a manteiga, que, com a ajuda do lume, o transforma em torradas é que está grande parte da sciencia da vida. Se a sorte te der de comer, creança inexperiente, eu por mim dou-te um conselho: come o mais possivel ás escondidas. Se comeres pouco, despresar-te-hão. Se comeres muito, terás invejas e procurarão quitar-te o prato e tolher-te o apetite. Faze de modo que, ao certo, se não saiba bem se comes pouco ou muito. Não dividas sem pensar o teu pão; aqueles que o partilharem não te pagarão o gesto geeroso de o repartir. Não engordes de mais. A gordura causa engulhos aos que trazem a péle sobre o osso. Dirão que roubaste o pão que comes e aquele que dás. O mundo é mau e, como a idade dos cavalos conhece-se pelos dentes. Que os teus não cresçam demasiado; que não deixem no emtanto de se ver. Que sejam lindos para seduzir, discretos no mastigar e bastantes para morder, se tanto fôr preciso. Sobretudo que sejam limpos. O mal de muitos é a falta de escova nos dentes...»

...E teria falado assim duas horas e meia, se D. Aninhas, seduzida por um molho de chaves que eu agitava em meu discurso, não tivesse claramente manifestado que mais a divertia o tricolejar dos ferros luzidios do que a experiencia das minhas palavras.

3 — Dezembro — 915.

Exame de consciencia

D. Aninhas entrou no carro electrico, sentou-se, olhou para o sugeito que estava defronte e disse-me:

—Aquele senhor é marreco...

Em voz baixa expliquei á minha filha que, quando se encontra um corcunda, nunca se deve afirmar: — «Aquele senhor é marreco»...

—Porquê? preguntou a menina dos meus olhos.

—Porque ele não o sabe.

—Porquê? insistiu a pequerrucha, cujos seis anos são de uma curiosidade inexgotavel.

—Porque... porque tem a marreca nas costas e por isso não a vê. Os marrecos nunca sabem que teem uma corcunda.

—Ah! concluiu D. Aninhas.

Dei esta pequena lição á minha unica descendencia por natural concessão ás tradições de cortezia social. Reflectindo em seguida, notei que a lição era singularmente exacta e que bem andaria em aproveitá-la eu proprio.

O pessimismo filosofico, o pessimismo de observação, ainda que revistam a forma humoristica, são tão nefastos em tempos de paz como o pessimismo estrategico em tempo de guerra. Destroem ilusões que são, afinal, a unica razão de viver.

Se ao ver um desses grandes homens, que brotam na vida nacional como cogumelos em sitio humido, eu fôr atrás da verdade e exclamar: — «Aquele senhor é tôlo», não só causa desgosto aos mais tôlos que o admiram, mas ainda posso desimaginar o grande homem de cometer as grandes coisas que estão perfeitamente ao alcance dos tôlos.

Se, ao ver desgraçados curvados sob o peso da servidão e mulheres vencidas pelo egoismo dos machos, eu afirmar: — «Esta gente é escrava», cumpro uma missão detestavel, porque revelo a esses infelizes a sua miseria e destruo a obra dos ilusionistas que, falando ou escrevendo, celebram e fazem admitir a felicidade na servidão e a liberdade nos carceres.

Só um homem tem o direito de dizer a outros homens: — «Sois infelizes» e esse é o sacerdote porque lhes póde oferecer, numa outra vida, indemnisações e reparações dos males sofridos nesta.

Se critico e motejo o Governo, o Parlamento, a Opinião Publica, os gestos inuteis de cada dia e as ideias falsas de sempre, isso não terá importancia, sendo eu sózinho a fazê-lo. Mas vamos que trinta quarteirões de jornalistas se deitam a ajudar-me: o publico acabará por se aborrecer de tudo e por não ter confiança em ninguem. Compreenderá que é um perpétuo ludibrio dalgumas centenas, zangar-se-ha e é muito capás de proclamar a Republica.

A Republica? Sim. E, antes de instaurarmos esse ignorado regimen entre nós, seria bom que se visse o que dará na Russia.

Meus amados irmãos: para levarmos a vida, o melhor é ainda o sistema do avestruz, que esconde a cabeça debaixo da asa quando pressente qualquer coisa que o vai desgostar. E' perigoso fitar os olhos duma mulher para ver se nos mentem. E' inutil andar á roda dum homem para ver se ele é corcunda.

30 — Novembro — 921.

Circulo vicioso

Ha tempos abriram, cá para os bairros modernos, uma rua nova. Ainda não estavam concluidos os aterros e excavações, logo se começaram construindo predios e apareceu no tôpo da rua uma taboleta:

—«Está vedado o transito de veiculos».

Largo tempo ali se demorou o aviso, até que, a requerimento dos comerciantes, se retirou. Dali por uns dias porém, começou o estabelecimento do cano de esgoto. Novamente surgiu a taboleta:

—«Está vedado o transito de veiculos».

No fim de três meses estava a obra pronta e novo requerimento fez desaparecer a indicação camararia; mas não por muito tempo, porque, dali a pouco, a Companhia das Aguas tratou de pôr a sua canalisação e não houve outro remedio senão tornar a dizer ao publico:

—«Está vedado o transito de veiculos».

Chegou a hora da agua estar canalisada e, nessa altura, novamente a pedido dos interessados a taboleta foi arrumada... Mas faltava ainda pôr o gaz. Por conseguinte:

—«Está vedado o transito de veiculos».

Não ha obras do gaz que sempre durem nem taboleta que nunca acabe. Um dia acabou. Mas, no seguinte, começaram os trabalhos duma rua nova perpendicular e, emquanto esta não teve esgotos, gaz, agua, voltava de vez em quando a fatal indicação:

—«Está vedado o transito de veiculos».

Até que, ha quinze dias, verificou-se que nada mais poderia impedir a circulação na rua de que se trata. Doidos de alegria, os moradores deliberaram festejar este inesperado acontecimento com umas festas de arromba: iluminações, coretos, palanques, «kermesse», etc. Mas, como para isso era preciso fazer umas certas obras, ontem a comissão dos festejos foi á Camara requerer que fôsse posta uma taboleta anunciando a todo o mundo:

—«Está vedado o transito de veiculos».

Depois não querem que a logica se queixe de a pisarem...

6 — Setembro — 913.

TEATRO NACIONAL
ALMEIDA GARRETT
TELEFONE N. 3049
Abre hoje, no escritorio do teatro, a assinatura para
8 RECITAS
com
4 primeiras representações
e
4 reposições

EDEN-TEATRO
Telefone 3800-Norte
Empresa Teatral Campos & Correia, Limitada
COMPANHIA PORTUGUESA
DE OPERETA E REVISTA
HOJE
Ás 21,15 (9,15 da noite)
Grandioso sucesso — A representação da celebre opereta portuguesa, em 3 actos, original de *Eduardo Schwalbach Lucci*, musica do maestro *Filipe Duarte*
O Chico das Pêgas
Nascimento Fernandes no antigo papel de *Salmonete*

S. CARLOS Telef. C. 5063
HOJE: — Exito autentico
A RAJADA
Admiravel creação de LUCILIA SIMÕES
O teatro mais confortavel e de melhor acustica e os mais baratos espectaculos de Lisboa
Preços sem locação, a qualquer hora do dia: Frisas e camarotes de 1.ª, 32$50; de 2.ª 25$00; 3.ª, 17$50; Torrinhas, 12$00; Fauteuils, 7$500; Varandas 2$00
Os bilhetes marcados devem ser reclamados até ás 7 horas da tarde
Em ensaios: A VINHA DO SENHOR, original de Flers e Croisset, tradução de Paulo Osorio

A CRISE RESOLVE-SE
com
Agua na panela!
De pernas para o ar!
É este o grande programa ministerial do famoso RODA VIVA NO
PE DE MEIA
o grandioso exito do
= APOLO =

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 2 espectaculos 2 — HOJE
Festa do «Imparcial Teatro» — A graciosa peça
INTRIGAS NO BAIRRO
Ámanhã e sempre a deslumbrante revista
TIC-TAC

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — Estreia do tenor Artur d'Almeida — Reaparição da opereta
VIUVA ALEGRE
Aldina de Sousa no papel de Ana Glavary
Terça-feira: O SONHO DE VALSA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A Multidão

Milhares, milhares de bocas plebeias, tunicas amassadas, amarrotadas em desespero vil, gestos vigorosos de estatuas em movimento, olhos incendiados como Roma, enchiam de clamores desvairados o espaço ensombrado e magestoso da Praça Publica.

Julio Cesar, o vencedor de toda a Terra, havia sido apunhalado horas antes.

Cortavam o ar os ultimos relampagos anunciadores da tragedia. Na terra, como bater d'azas de morcégos, perdiam-se as sombras dos adivinhos. Nas embocaduras das ruas nasciam as ultimas lebas.

E Brutus falava. Toda a onda humana que enchia o quadrado, feito de colunas, de toda a Praça Publica, estava suspensa d'aquela voz, d'aquela voz estoica, d'aquela voz de rochedo firme, de rocha inabalavel focando o Infinito...

Já nada restava de Cesar senão o eco do seu nome, o ritmo guerreiro das suas cinco letras.

E aqueles milhares de bocas plebeias, tunicas amassadas, amarrotadas em desespero vil, aplaudiam as palavras de Brutus, e tinham maldições para o grande guerreiro morto—que todo o mundo chorava.

Pertencia a Brutus a multidão, e a Cassius, e a Casca, e a todos os conspiradores do senado.

Mas o vulto duvidoso de Antonio surge no tablado para falar.

Já toda aquela massa inconsciente se interroga, indecisa e voluvel como as ondas, olhos fixos em Antonio—em Antonio, o grande amigo de Cesar!

E Antonio fala. Pertencem-lhe já aqueles milhares de tunicas amarrotadas—aqueles milhares de bocas plebeias, que os acasos empurram, que as vozes habeis dos politicos manejam. E' uma grande multidão, uma grande nodoa escura feita de gestos e de gritos—mas vai levada como um barco vela á primeira viração da manhã.

A multidão—o monstro de mil cabeças! Foi assim nas florestas, foi assim nas catatumbas, foi assim na Praça Publica *de Roma, foi assim nas Revoluções—é hoje assim nas capitais.—Mas foi assim principalmente em Shakespeare!*

Alves Martins

Amelia Rey Colaço

foi agraciada com a Ordem de S. Tiago

Amelia Rey Colaço, figura luminosa de graça da scena portuguesa, interprete apaixonada, sincera e veemente da *Marianela*, que entrou no teatro, descalça, chorando e amando, foi agraciada pelo governo com a Ordem de S. Tiago.

Amelia Rey Colaço, que encantou o publico pela linha fidalga do seu porte, pela beleza

Amelia Rey Colaço

do seu espirito, pela intenção artistica do seu pensamento, acaba de ter a homenagem a que tem jus pelo seu talento e pela sua brilhante, ainda que curta, carreira.

O *Diario de Lisboa* acompanha a gentilissima actriz e seu marido, o sr. Robles Monteiro, nesta hora de alegria, que tem o seu quê de gloriosa.

QUESTÃO GRAVE

A reacção

contra o emprego da dinamite

pelas traineiras espanholas

As importantes declarações que abaixo publicamos mostram bem o estado de gravidade em que se encontra a questão da pesca e os enormes perigos que Portugal corre se não fôr imediatamente resolvida.

Fala um dos membros da comissão de Peniche que veiu tratar do assunto junto do sr. ministro da Marinha:

—Vimo-nos obrigados a tomar uma atitude energica. Não ha outro meio.

Fazendo um pouco de historia:

—Todos nós já previamos o mal que se verifica actualmente. Ha 5 anos que começámos a empregar a dinamite, principalmente no Norte. Só da Figueira da Foz para cima ha cerca de 500 barcos, pescando por esses processos. E' claro que ganharam muito dinheiro...

—Os espanhois...

—Começaram por vir pescar em frente de Viana. Desceram á Povoa, a Matozinhos, a Espinho. Teem vindo devastando tudo. Só quando chegarem a Vila Real de Santo Antonio é que as autoridades tomarão providencias, para defender a sardinha que nessa altura se terá escapulido já.

—Mas como se explica esta inacção dos interessados?

—Ha três anos, convoquei uma reunião de industriais, avisando-os do perigo. Os espanhois já estavam na Nazareth. Não houve da parte dos outros uma acção correspondente á gravidade do assunto.

—Os portugueses só acreditam no perigo quando o vêem diante dos olhos...

—Da reunião saiu apenas uma representação assinada por 3 ou 4, que para nada serviu. Resolvi esperar uma ocasião oportuna. Agora vi um ambiente bom para tomarmos, uma acção energica — e dai resultou tudo o que se tem passado.

—O que o fez tomar essa resolução?

—Quando cheguei a Peniche vi um grande escandalo. Na baia, fugidas ao temporal, estavam abrigadas umas trezentas traineiras espanholas...

—A fiscalisação...

—De vez em quando, passa um navio de guerra, a deitar muito fumo — e mais nada... Mas, agora parece que vai...

—Resolveu, então...

—Reunir todo o pessoal das fabricas que, ordeiramente, mas com energia, foi entregar uma representação ao capitão do porto, a fim de se tomar providencias. Temos ao nosso lado, os industriais e pescadores da Nazareth e doutras terras, os deputados e senadores pela região, etc....

—A reunião no Ministerio da Marinha...

—Foi muito animada, debatendo-se a questão largamente...

—Vi algures a opinião de que a dinamite não provoca a emigração da sardinha...

—Ora essa. Tanto provoca, que está proibido o seu uso em todos os paizes. Devido a ela, a França está sem sardinha, o mesmo acontecendo a Vigo que se sustenta á custa da que é pescada nas nossas aguas. E a nós não tardará que suceda o mesmo. Tanto assim que os espanhois já estão preparando barcos com maior raio de acção, a fim de, quando as costas portuguesas estiverem limpas de peixe, o irem buscar a Marrocos.

* * *

Uns ligeiros dados sobre a pesca com dinamite:

—Em cada lanço, cada barco deve fazer uns quarenta tiros. Multiplique isto por algumas centenas, e diga-me se isto não faz efeito? A dinamite destroe sardinhas grandes e pequenas. Grande parte dela não se aproveita; vai para o fundo. No periodo da desova, cada sardinha morta representa alguns milhares. Dá cabo dos pesqueiros, da alimentação da sardinha. E' claro que o peixe, num instinto de defeza, muda o seu curso, foge.

—Mas as traineiras só pódem pescar com dinamite?

—Só. Ao passo que num cerco dos nossos, é necessaria uma rede dalguns mil metros de comprimento, as redes da traineiras são muito pequenas, por dois motivos: porque assim fica a disponibilidade de tonelagem necessaria para a condução do peixe que, nos nossos cercos, é geralmente feito por barcos estranhos; e porque os mares do Norte são muito pedregosos e as redes grandes só pódem ser lançadas em fundo limpo. De modo que a dinamite substitue a porção de rede que falta, evitando que o peixe fuja.

—Mas dizem que o peixe morto nessas condições não poderia ser conduzido para Espanha... Que apodreceria no caminho...

—Deixe lá falar! Já tenho comprado peixe morto a dinamite, conservando-o mais de mês e meio, em sal. E' o que fazem os espanhois. Mal o recolhem metem-no em sal. E em três dias põem-se em Vigo. Bem sei que esse peixe não serve para fazer uma conserva finissima. Mas a Espanha consome muita sardinha prensada e estivada...

* * *

Falamos agora da fiscalisação:

—Deve ser feita por traineiras absolutamente iguais ás espanholas. Pódem adquirir-se em Vigo. Umas 6 ou 7 bastavam. No orçamento do Ministerio da Marinha, ha uma verba para construção de barcos. Deviam aplicá-la na compra dos barcos já feitos. Além de ser a unica fórma pratica de ficalisar, é pelo menos 40 ou 50 vezes mais economica. Quando as traineiras avistam, a 20 milhas ou mais um barco de guerra, tratam de recolher as redes, e, quando ele chega perto, andam passeando e não pescando...

—Ou então fazem-se ao largo...

—Isto de dia. De noite, que é quando geralmente se pesca, não se póde meter um «destroyer» junto á costa, onde elas andam, com risco de ficar espetado na rocha. Por todas as razões, a fiscalisação só póde ser feita por traineiras.

—A solução do problema?

—Penalidades rigorosas: os portugueses que façam uso da dinamite, multa de 10 contos e mestre preso, á primeira vez, e á segunda tudo apreendido: barco, peixe, redes, etc.; aos espanhois que não façam uso da dinamite os mesmos castigos que aos portugueses, e aos que a usem, apreensão total logo á primeira vez. Compra de traineiras. Garanto-lhe que um mês de boa fiscalisação nestas condições resolveria o problema...

—E ha esperanças?

—Sim. Creio que por estes oito dias, haverá uma solução.

Um pequeno detalhe que mostra bem a acção da dinamite:

—Uma fabrica (vimos nós a documentação) que, nos oito dias anteriores ao aparecimento das traineiras em Peniche, pescara 1000 canastras de sardinha, desde o dia 1 de Outubro — data do aparecimento — até hoje, ainda não pescou 50! E estamos na melhor época... E em todas as armações sucede o mesmo.

—Com isso...

—Quem perde bastante é o Estado que é o melhor socio do negocio. Um pormenor: a conserva é a industria mais sobrecarregada. Paga de imposto 15 por cento da receita bruta. E é assim desprezada...

* * *

Uma revelação muito grave:

—Diz-se que o problema não se tem resolvido, por receio de arranjar complicações com a Espanha. Não vêem, que assim o perigo é muito maior! Já anteontem, os tripulantes dalgumas traineiras espanholas foram apedrejados em Peniche. Ninguem póde prever o que se daria, se a questão não fosse resolvida dentro de poucos dias...

Como inicio do 2.º ano saiu o n.º 13
da revista de TEATRO
publicando a peça de Ramada Curto A FERA
e colaboração escolhida de La Goya, Ruy de Oliveira Guimarães, H. Roldão, etc. — Gravuras — Cerca de 80 paginas

O 19 DE OUTUBRO

DATA

memoravel lembrada

entre lagrimas e luto

Faz hoje dois anos que estalou em Lisboa um movimento revolucionario, de caracter radical, que ficou conhecido, nos anais politicos, como o 19 de Outubro.

Esse movimento que de inicio se apresentou ordeiro, foi manchado, no final, pelos assassinios dos srs. dr. Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia, coronel Vasconcelos, Freitas da Silva e «chaffeur» Gentil.

Não podemos negar aos dirigentes de 19 de Outubro, a fé e a honestidade dos seus propositos. Pena é que eles não tivessem, bastante prestigio e energia para evitarem os tremendos crimes que então se deram, e que excitaram em todo o país, uma onda de repugnancia e de horror.

O 19 de Outubro não chegou a vingar, tanto no animo do povo, como no Parlamento. Os ministerios saidos da revolução por um conjunto de circumstancias de todos conhecidas, tiveram que se demitir, sendo chamado ao poder o sr. Cunha Leal, que, no Arsenal da Marinha, defendeu com o risco da propria vida, Antonio Granjo.

Para os mortos vai nesta hora, em que felizmente já estão esquecidos os clamores de odio e de vingança, a nossa mais viva e comovente saudade. Foram os proprios dirigentes do 19 de Outubro, nos tribunais militares, que, nobremente, reprovaram os hediondos crimes que se deram na noite tragica de esse dia.

O Centro Republicano Radical de 19 de Outubro, acaba de dirigir ao país um manifesto, do qual extraímos os seguintes periodos:

Comemora-se hoje o movimento 19 de Outubro.

Trata se duma data que ficará imortalisada nos anais da nossa historia politica destes ultimos anos, ecmo uma alta afirmação, de esperança no renovamento da vida nacional.

Triunfante embora, o movimento de 19 de Outubro foi vencido, porque a corrente indomavel dos acontecimentos, como sempre, poude mais que a vontade dos homens que o promoveram e realisaram!

Foram os crimes e a incompetencia de alguns, que transformaram em motivo de lagrimas de desespero a vitoria heroica dos vencedores!

E desta sorte Portugal viu mais uma vez adiada a hora suprema da sua redenção!

O Centro Republicano Radical 19 de Outubro, não esquece neste momento todos quantos foram vitimas e todos quantos morreram nessa data! O infortunio de todos ha-de ser vingado quando a Republica que todos amaram fôr dignificada.

O Centro Republicano Radical 19 de Outubro afirma tambem neste momento a sua solidariedade incondicional para com todos os radicais e filhos do povo perseguidos e deportados enviando a todos palavras de esperança e de vitoria.

GRALHAS

Na entrevista com o publicista Homem Cristo, Filho, que ontem publicámos, ha uma gralha que requere rectificação. Assim, onde saiu: Ha todas as prababilidades do movimento nacionalista português ser, indirectamente, obra das esquerdas. O que os radicais pensam fazer — morte ao parlamentarismo, aos partidos, castigo aos politicos e aos banqueiros corruptos — queremo-lo nós. Se o fizerem, restar-nos-ha depois, apenas o trabalho «*de nos desembaraçarmos deles.*» deve ler-se «*de nos inspirarmos neles*».

CAMBIOS

Dia 19

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 9/64	2 1/8
» 90 dias	=	=
Paris	1$480	1$490
Berlim	=	=
Holanda	9$707	9$778
Madrid	3$346	3$370
Bruxelas	1$282	1$292
Roma	1$121	1$129
Suiça	4$445	4$478
Suecia	=	=
Noruega	=	=
Dinamarca	=	=
Nova-York	24$760	24$945
Brasil	2$380	2$400
Rio Londres	5 1/16	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

VELHO COSTUME...

HOJE

não houve

sessão

na Camara dos Deputados

Não houve numero hoje na Camara dos Deputados. Mais uma sessão perdida, como se não valesse a pena dizer nada, fazer nada—como se, na verdade a vida do país corresse ás mil maravilhas.

Como não havia ninguem—não podia haver boatos. Coisa rara, leitores, não se encontrarem boatos nos *Passos Perdidos*.

Do governo apenas o sr. ministro da Justiça. Nacionalistas, alguns. Nem um monarquico, nem um catolico.

A maioria, prestes a reunir em sessão partidaria e misteriosa, melhor representada—mas pouco melhor.

Tentámos ouvir do sr. Abilio Marçal alguma revelação sôbre a reunião do seu grupo. Nada. Apenas que ia reunir com os seus correligionarios, para os casos Lucio de Azevedo e propostas de finanças.

Aqui para nós, leitores, a reunião deve necessariamente prender-se com a crise ministerial. O partido republicano português prepara-se para descobrir no seu seio outro chefe de governo que tenha pelo menos a tenacidade, a constancia governativa, a habilidade de equilibrio do sr. Antonio Maria da Silva. Mas descobri-lo-ha?

Cada vez continua mais misteriosa a incognita do problema.

Seja, porém, como fôr, o governo cai, cai fatalmente, e o Chefe do Estado ver-se-ha na contingencia de incumbir de formar gabinete o primeiro que apareça em Belem. Isto, contra os desejos patrioticos do sr. Teixeira Gomes, muito desejoso de contribuir com a sua inteligencia e tacto politico para a salvação do país.

Mas será democratico o futuro governo? Ou será, como este, uma mescla de democraticos e independentes?

Alguem aventou já a possibilidade dum governo de concentração—mas esta hipotese repugna á maioria dos parlamentares de todas as cores politicas, que a reputam inexequivel.

Emfim, vamos tendo paciencia e esperemos. Há mil assuntos a tratar. A vida do país exige de todos os que governam os necessarios sacrificios. Mas, no Parlamento, continua a faltar numero para as sessões.

A proxima ficou marcada para segunda-feira, sendo a ordem do dia a que estava marcada para hoje.

A GUERRA

e os oficiais milicianos

O senador sr. Mendes dos Reis enviou ao deputado sr. Antonio Maia, a proposito do projecto sobre os oficiais milicianos que este deputado tenciona apresentar ao Parlamento, a seguinte carta:

Meu caro Maia—Tendo-me o meu amigo enviado uma copia do projecto de lei que tenciona apresentar ao Parlamento, e pedindo-me sobre ele a minha opinião, vou dar-lh'a com a maior franqueza.

Em principio, e até d'uma maneira geral, estou de acordo, porque entendo que um oficial que não serve para a guerra, não deve continuar no Exercito; e é com um sentimento de revolta e de repulsa que todos aqueles que cumpriram o seu dever na guerra, vêm que a farda de oficial ainda cobre peitos, onde a honra e a dignidade deixaram de existir.

Julgo, porém, que o projecto deve sofrer varias emendas, tendentes a evitar possiveis injustiças e desegualdades, e ainda que, por deficiencia de redacção, se possam praticar abusos que beneficiem exactamente aqueles que se pretende atingir.

Felicitando-o pela nobresa dos seus intuitos e pela coragem com que assume responsabilidades, desejo sinceramente que o seu projecto concorra para o bom nome e prestigio do Exercito.

Com a maior estima, camarada e amigo certo, *Mendes dos Reis*.

DR.ª LAURINDA ALAMBRE
MEDICA
Doenças das Senhoras e Crianças. Partos
Consulta—A's 13 horas
Rua do Amparo, 82, 1.º Esq.
Telef. 2688 N.
MORADA—Avenida Conde Valbom, M. F. 1.º

OS 60 MILHÕES

O director

da Casa da Moeda

ludibriou

o ministro das finanças

Diziamos ontem: *venham nomes!* E esperávamos, já hoje, dar a publico as sensacionais revelações que Anibal Lucio de Azevedo dizia ter que a fazer. Estampar, em todas as suas letras, os nomes daquelas mal-intencionadas creaturas, que, tentando *pervertel* o animo puro do director da Casa da Moeda, o fizeram *victima* das acusações neste jornal formuladas.

Enganámo-nos, porém. A comissão encarregada de ouvir Anibal Lucio de Azevedo, poz ontem ao parlamento a questão: — como não tinha poderes judiciais, seria caricato o processo de colher as revelações dos labios do director da Casa Moeda, para, por sua vez, as transmitir á representação nacional. Portanto, Anibal Lucio de Azevedo que directamente dissesse o que lhe parecesse. Mas, facto estranho, incompreensivel, surpreendente: Anibal Lucio de Azevedo viu-se cobardemente abandonado pela abundante loquacidade que, dias atraz, lhe servira para fazer insinuações graves a *todos os politicos portugueses*. Ele, que tão galhardamente se apresentára nas colunas da *Tarde* e na Camara dos Deputados, como competente para se transformar de reu em acusador—calou-se misteriosamente.

E como explicou esse intrigante silencio? Declarando que, não abrangendo as suas acusações nenhum dos membros das casas do parlamento, se reservaria para depôr sobre este importante *detalhe*, no inquerito que pelo ministerio das Finanças foi ordenado...

Mas, por Deus, foi *peor a emenda que o soneto*! Anibal Lucio de Azevedo já não está na posse das suas faculdades mentais! Então, *havendo dezenas de politicos em Portugal que não pertencem ao parlamento*, tem Anibal Lucio de Azevedo o direito de manter sobre eles, por tempo indeterminado, o labeu de *corruptores* de um funcionario que proclama tão impavidamente a sua honestidade?

Vai o Parlamento reconsiderar, por certo, no seu procedimento, Se quizessemos, simplesmente, amachucar Anibal Lucio, e lhe tivessemos odio, estariamos a esta hora satisfeitissimos. O presidente da Camara, ao terminar o debate sobre o caso, relegando-o para a policia e, com ele, certamente, o prevaricador, completou a liquidação do director da Casa da Moeda. Reparem, porém, os leitores, que nem temos odio a Anibal Lucio nem queremos, por meritos proprios, amachucá-lo. Não. Para nós, Anibal Lucio representa apenas um simbolo. Um simbolo das pocinhas de lama que na administração publica se encontram a cada passo, e que urge limpar com uma energica vassourada.

Outras «proesas»

O caso, já agora, não se circunscreve, somente, ás moedas. Vai um poucochinho mais longe: vai até uma coisa que se pode capitular de **crime de alta traição á Patria e á Republica.**

Efectivamente, que designação merece aquele homem que, ocupando um *fauteuil* parlamentar á sombra da confiança que aos eleitores conseguiu inspirar pelo seu proclamado amor á Patria e ás instituições, á sombra das consequentes vantagens, apenas trabalha por enriquecer com prejuizo **directo** dessa Patria e dessas instituições?

Ontem o dissemos:—houve uma notavel acção subterranea, por parte de Anibal Lucio de Azevedo, para **enterrar** o projecto de lei que autorisava a amarração do cabo submarino italo-americano nos Açores. Esse cabo irá tocar nas Canarias e o Estado será prejudicado, anualmente, de 2.000 a 2.500 contos, alêm de não ficar possuindo mais uma ligação telegrafica para os Estados-Unidos e para a Italia. E o sr. Anibal Lucio de Azevedo ocasionou, segundo insistentemente nos informam, estes prejuizos, para quê? Por platonicamente discordar da existencia de mais um cabo submarino? Não é crivel. E, como simultaneamente corre que a companhia inglesa proprietaria dos actuaes cabos, está na disposição de o nomear seu representante em Lisboa, em substituição do falecido sr. Carlos Santos—a que conclusão chega o publico?

Não será isto—**um crime de alta traição á Patria e a Republica?**

O ministerio das Finanças

Há, nisto tudo, um outro *insignificante* pormenor, cujo esclarecimento é igualmente indispensavel.

Já aqui dissemos que o sr. Vitorino Guimarães teve uma honrada e limpida intervenção em tudo isto. Mas, tendo o seu nome surgido, no caso, e tendo o *Diario de Lisboa* dito que um socio de Emidio Pereira o procurára no ministerio das finanças, para o informar do que se passava em Paris — porque não declarou s. ex.ª, publicamente, qualquer cousa, *confirmando* ou *desmentindo* as nossas informações? Da mesma maneira que todas as pessoas intrometidas no caso, tem ao seu dispor as colunas deste jornal. A confirmação feita pela pessoa honrada que é o sr. Vitorino Guimarães, do que aqui contamos — **é indispensavel.**

Foi s. ex.ª a unica pessoa que pensou em cortar o nó gordio, determinando a cunhagem em cupro-niquel. Sabia dos rumores escandalosos de Paris e talvez, até, de lá recebesse de uma alta personalidade, uma carta precavendo-o contra eles. Preguntou a Anibal Lucio de Azevedo se era possivel fazer a cunhagem na Casa da Moeda, em cupro-niquel, e este *disse que sim*. Não é verdade, sr. Vitorino Guimarães?

Despachou o sr. Vitorino Guimarães que a cunhagem se fizesse na Casa da Moeda e em cupro-niquel. Mas, ocupa a pasta das Finanças o sr. Velhinho Correia, e que acontece?

Foi lavrado **um contra-despacho,** foi restabelecida **a possibilidade do negocio!**

Ha, agora, ocasião para uma nova pregunta:

—*Como conseguiu Anibal Lucio o inacreditavel fenomeno?*

Primeiro que tudo, registemos uma cousa:—a leviandade com que a maioria democratica entrega trabalhos de extraordinaria importancia a certas pessoas. Porque, agora ainda, as propostas de finanças, abrangendo nas suas multiplas disposições toda a vida nacional, teem **como relator**—Anibal Lucio de Azevedo. Trata-se de uma pessoa ácêrca da qual de ha muito circulam historias suspeitas e, em politica, tem aplicação, mais que em nenhuma outra coisa, a frase velha:—*não é necessario, apenas, que a mulher de Cesar seja honesta; é necessario, tambem, que o pareça.*

Era, pois, com toda a autoridade de pessoa grada, de cerebro de *élite*—oh! irrisão!—que Anibal Lucio de Azevedo se bamboleava pelos corredores do Ministerio das Finanças. Os seus meritos pessoais, juntamente a esses atributos de emprestimo, lá influiram no animo do sr. Velhinho Correia. E ao ponto de o fazer lavrar um despacho que seria comprometedor, se não soubessemos ser o actual ministro das Finanças uma pessoa incapaz de tal enormidade.

A sessão de ontem

De resto, o ludibrio do sr. Velhinho Correia por Anibal Lucio de Azevedo, ficou bem

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

Satanela-Amarante

E', definitivamente, no dia 26 do corrente que se efectua, no Avenida, pela companhia Satanela-Amarante, a inauguração da epoca de inverno, com a opereta, em 3 actos, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, «A Perola Negra». O elenco da companhia é constituido pelos artistas: actrizes, Luiza Satanela, Raquel de Barros, Maria Santos, Eugenia Coutinho, Lourdes Neves, Sofia de Souza, Zulmira Vargas, Raquel Moreira; actores: Estevam Amarante, Nascimento Fernandes, Alves da Silva, João Silva, Jorge Grave, Agostinho Lagos, Armando Machado, Henrique de Oliveira, José Alves Junior, Joaquim Pacheco, Pedro Magalhães.

A distribuição de «A Perola Negra» é a seguinte:

«Suanee», Satanela; «Miss Mary», Raquel de Barros; «Miss Karter», Maria Santos; «Miss Wilte», Eugenia Coutinho; «Tia Ursula», Sofia de Sousa; «Camponesa», Raquel Moreira; «Fredy», Amarante; «Pandeireta», Nascimento Fernandes; «O explorador», Alves da Silva; «Gato Bravo», João Silva; «Mister Krosa», José Vitor; «Samuel», Agostinho Lagos; «Dr. Weber», Henrique de Oliveira; «Toupeira», José Alves e «Lacrau», Joaquim Pacheco.

Maria Matos

Antes da sua partida para as ilhas, a magnifica Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho vai fazer uma serie de espectaculos fora de Lisboa, partindo ámanhã para Evora, onde trabalhará no domingo, segunda-feira e terça-feira. A seguir a mesma companhia irá a Extremoz, Setubal e talvez a Santarem, sendo o seu repertorio constituido pelas seguintes peças: «Os Fidalgos da Casa Mourisca», «Maivalouca», «A Inimiga», «A Sombra», «O comissario de policia» e «Renascer».

Atraz do reposteiro

Abriu hoje, no escritorio da administração do teatro Nacional, a assinatura para oito recitas da epoca de inverno, quatro com peças completamente novas e as restantes com reposições do velho repertorio. A assinatura encerra-se no dia 25, sendo nela abrangida a recita inaugural com a peça historica «Alcacer-Kibir», que está sendo ensaiada pelo actor Augusto de Melo.

—Nascimento Fernandes despede-se do publico do Eden-Teatro na proxima quarta-feira, realisando-se nessa noite uma recita de homenagem ao distinto artista que fará pela ultima vez, o papel de «Salmonete» da opereta »O Chico das Pegas».

—Decorrem muito adeantados os ensaios da «Vinha do Senhor», a primeira peça nova a subir á scena no S. Carlos, pela companhia Lucilia Simões. A primeira efectuar-se-ha dentro da proxima semana. Sabemos que Guilherme Caupers, o distincto amador que se estreia nesta peça, cantará no 1.º acto uma canção em inglês, que o creador em França não fazia por não ter voz suficiente.

—Dos numeros já contratados para a grande companhia de circo que faz a sua apresentação no dia 27, no Coliseu dos Recreios, fazem parte os ginastas «Quatro Varettes», cujo trabalho é de grande sensação.

—Parte ámanhã no «sud-express» para o Porto, o arrojado emprezario teatral sr. José Loureiro.

—Cada dia que passa, maior avanço se nota nas obras do teatro da Trindade, onde 200 operarios trabalham activamente.

—Ainda antes da primeira da «Vinha do Senhor», far-se-ha uma «reprise» de três ou quatro recitas com a linda peça de Sudermann, «Magda», onde Lucilia Simões tem um trabalho extraordinario.

—Está bastante melhor a actriz Raquel de Barros, da companhia Satanela-Amarante. O Avenida conservar-se-ha encerrado até á reaparição da referida companhia.

—A revista «Tic-tac», que hoje interrompe no Maria Victoria as suas representações, em virtude de um beneficio anteriormente marcado, prosseguirá ámanhã a sua brilhante carreira.

—A companhia Cremilda-Chaby que regressa a Lisboa a 4 de Novembro seguirá para o Porto onde dará uma serie de espectaculos no Sá da Bandeira.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = A's 21.15—«A Rajada».
Nacional = Não ha espectaculo.
S. Luis = A's 21—«Viuva alegre».
Politeama = A's 20. — Animatografo.
Avenida = Não ha espectaculo.
Apolo = A's 21,30—«Pé de meia».
Maria Vitoria = A's 20,30 e 22,30 = «Intrigas do bairro».
Eden = A's 21,15 = «O Chico das Pêgas».
Eldorado = Ás 21 = Variedades.
Circo da Feira = Ás 21 = Variedades.
Coliseu dos Recreios = Não ha espectaculo.
Gil Vicente = Ás 21,15 = «O domador de feras».
Chiado-Terrasse = A's 21 — «Coisas nossas».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Calçada da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua do Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco do Bandeira.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o pedeciente vê em via de cura todas as casas de **eczemas** humido e seco, crostas duras, **espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por** mordeduras **de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

Empreza Nacional de Cereaes Lt.ª

Para todos os efeitos legaes se publica que, por escritura de 4 de Março de 1922, outorgada nas notas do notario desta cidade, Dr. José Peres de Noronha Galvão, foi reforçado o capital desta sociedade, que era de escudos 300:000$00 com mais a quantia de 400.000$00, ficando por isso elevado a 700.000$00 e admitido como novo socio o sr. Manuel Lopes Gonçalves.

Que, outrosim, e pela citada escriptura foi alterado parcialmente o respectivo pacto social, substituindo-se os artigos 3.º e 4.º, respectivamente, pelos seguintes:

3.º

A duração da sociedade continua sendo por tempo indeterminado, mas os efeitos deste novo contracto contam-se a partir do dia 1 de Março de 1922.

4.º

O capital social é de 700:000$00, correspondente á soma das quotas dos socios, que são as seguintes:

José Francisco Serrano.	240:000$00
Alvaro Netto	130:000$00
Antonio Rosa de Carvalho. . . .	115:000$00
Joaquim Martins.	115:000$00
Manuel Lopes Gonçalves.	100:000$00

§ unico — O capital social está integralmente realisado em dinheiro que já deu entrada na caixa social.

Que em tudo o mais fica subsistindo o estipulado, no pacto social vigente.

Lisboa, 6 de Março de 1922.

O notario ajudante

Adriano J. da Silva Graça Junior

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Solano

DEPOSITARIOS

FIGUEIREDO & TELLES, L.da

RUA ALVES CORREIA, 45 1.º

TELEFONES 3156 e 3697 - P.X.

TELEGRAMAS: FITELES

LISBOA

CONFORTAVEIS

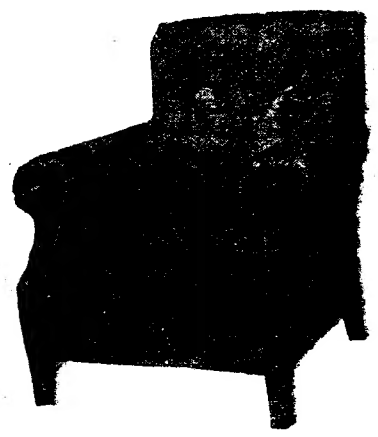
GENEBO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA, 36 a 40 — (Prædio todo)

TEL. C. 3032

GARAGE CONDE BARÃO

Recolha de 100 automoveis

Venda e compra de automoveis

Oleos, gasolina, acessorios

Material electrico

Instalações electricas

Stock de lampadas «Philips»

Telefone: C. 5430

Telegrafo: *Garage Conde Barão*

DFS

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

VINHO DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem.

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio de Janeiro

Pedidos a D. J. Silva, L.da

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.º 1711

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio . Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

SÓ NA

TINTURARIA BRASILEIRA

Rua do Olival, 284, E., Rua Torre da Polvora, á Pampulha, que se entrega um fato velho e recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto para vestir, dos dois sexos.

Tinge-se em todas as côres. — Limpa-se a sêco em seis horas.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

LIVRO UTIL EM TODOS OS LARES

Mais de 100 plantas para remedios caseiros

2.ª edição

2.ª edição

Á venda nas livrarias e tabacarias

Pedidos a Antonio Ribeiro R. Nova da Trindade, 37

PREÇO 1$00

Pelo correio 1$60

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

O "DIARIO DE LISBOA"

encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.

Gertrudes de Sousa Cabral

FALECEU

Arthur de Sousa Cabral e sua familia e Deodato da Mota Cerveira cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento de sua querida e chorada mãe, avó e sogra, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 14 horas, da egreja de Bemfica para o cemiterio da mesma localidade.

Gertrudes de Sousa Cabral

FALECEU

Cabral & Sequeiras L.da cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento da mãe do seu amigo e socio Arthur de Sousa Cabral e que o seu funeral se realisa amanhã, pelas 14 horas, da egreja de Bemfica para o cemiterio da mesma localidade.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE BERLIM

A vida no Ruhr é bastante critica

550.000 mineiros estão sem meios de subsistencia

BERLIM, 19

Contrariamente á prohibição do general Muller, comandante da Reichswehr, sobre unidades de operarios armados, foi novamente nomeado pelo ministerio saxão o sr. Boeltcher, sendo membro do partido comunista, pretendendo organizar as unidades de operarios armados.

O general Muller convidou o primeiro ministro saxão, sr. Geigner, por meio dum «ultimatum» a pronunciar claramente o seu ponto de vista.

Geigner falando na Dieta da Saxonia, declarou recusar-se a responder á pregunta do general, sendo a sua atitude aprovada pela Dieta, por 48 votes contra 45.

Em consequencia de terem cessado os pagamentos feitos pelo governo alemão para sustentar a resistencia passiva, as condições de vida nos distritos do Ruhr tornam-se cada vez mais criticas, achando-se mais de 550.000 mineiros, e as suas familias, sem os mais pequenos meios de subsistencias, e milhões de trabalhadores e de empregados das varias industrias dependentes do regular serviço das minas de carvão em identicas circunstancias. — (Especial).

Ebert

e o cessamento do estado de sitio

PARIS, 19

Durante o dia de ontem retomaram o trabalho em Colonia 3.000 ferro-viarios, 8.000 em Essen e 12.000 em Treves, sob a fiscalisação franco-belga.

O general Muller renunciou a dissolver as organisações operarias de Dresde, estando a cidade muito agitada e tendo-se dado ligeiras rixas.

Dizem de Berlim que o presidente Ebert rejeitou a proposta dos socialistas para o levantamento do estado de sitio — (L.)

Baviera

e o governo da Saxonia

LONDRES, 19

Dizem de Berlim que o Governo da Baviera quebrou as suas relações com o Governo da Saxonia, ordenando ao seu embaixador que entregasse o logar ao encarregado de negocios, em virtude dos ministros comunistas ultimamente nomeados continuarem a ocupar os seus cargos — (Especial).

Tumultos

na cidade de Manheim

BERLIM, 19

O Gabinete examinou a questão das relações do governo central com a Saxonia.

Noticias aqui recebidas dizem que em Manheim houve sete mortos e desasseis feridos em virtude de colisões com a policia e que foi proclamada lei marcial — (R.)

DR. AMANDIO PINTO

CIRURGIA geral, doenças das senhoras. Avenida da Liberdade, 134.

A's 16 horas

Telef. 4712 C

= POLITEAMA =

ULTIMAS EXIBIÇÕES

A Lucta contra o Destino

por William Duncan e Edith Johnson

ás 8,30 da noite — 9 episodios, 18 partes — Estreia do ultimo episodio

FIM — 15.° **O ralar da aurora** 2 partes — FIM

As duas astreias de ontem — 13.° **Tumulo sagrado** — 14.° **A gratidão dos malvados**

Completa o espectaculo

7.° A arca de Aladim, 8.° A conquista do tesouro, 9.° Terras mexicanas, 10.° Casamento desmanchado, 11.° Em frente da morte, 12.° Condenado á fogueira

NOTAS DUMA VILEGIATURA

Nice

está inçada de velhas

UM FACTO

que tem seu quê de sintomatico

Não quero falar hoje de Nice como cidade nem exaltar o seu decantado clima. Não daria novidades dignas de registo aos leitores e talvez os massasse, o que é sempre desagradavel a quem lê e até — para que negá-lo? — a quem escreve... conscienciosamente.

Confirmando — para seguir na rotina dos meus colegas da imprensa — que Nice é uma lindissima cidade, cheia de pitoresco e de conforto ainda para os mais exigentes, internacionalisada pelo seu admiravel clima; e repetindo, ainda para seguir na rotina dos meus colegas, que o ceu e o mar de Nice, dum azul purissimo de esmeralda, quasi se confundem no horizonte sem fim, designadamente nas épocas estivas, — principiarei por lhes dizer, amaveis leitores destas despretenciosas cronicas redigidas ao correr da pena, que anotei, em Nice, um aspecto deveras curioso e que, oxalá, ainda nenhum dos meus ilustres colegas se lembrasse de registar... em letra redonda. Ser original, confesso, é sempre uma acariciada aspiração, para quem escreve — para os outros.

Pois é assim mesmo. Em Nice anotei um aspecto original: o de que a formosa cidade francesa está positivamente povoada ou invadida por numerosas velhas excepcionalmente pretenciosas e elegantes!

Na soberba Avenida «de la Victoire», ou na deslumbrante «Promenade des Anglais», o «rendez-vous» obrigatorio do publico cosmopolita, as imponentes «velhas de Nice» caminham, alegres e prazenteiras, num constante vai-vem, que chama as atenções e provoca reparos motejadores a quem observe a multidão anonima dos transeuntes.

E' que as fantasticas «velhas de Nice» não são como as demais cidades; as incomparaveis velhas de Nice, a que nos referimos, vestem espalhafatosamente de claro, em geral de branco, usam fitas verdes ou encarnadas no chapeu monumental, trazem bengala, cortaram o cabelo, já branco, á maneira agaiatada das cançonetistas, e saracoteiam-se, como aqui é moda, sem meias, mostrando, com mal disfarçada «coquetterie», a alvura desmaiada e a sinuosidade «fanée» das pernas. A acompanhá-las... um rafeirinho docil e bem creado, saltitando-lhes em volta.

Ontem, por exemplo, cruzou-se comigo, na Avenida «Maréchal Joffre», uma das tais, já arcando pelos seus setenta anos, mas que não hesitou em se decotar como qualquer «demi-mondaine». No entanto, percebia-se que era uma dama respeitavel, pertencendo, porém, por uma irresistivel vaidade ou tentação, ás numerosas... «velhas de Nice»!

Eu creio que elas acodem, assim gaiteiras, a Nice, para durarem e gosarem mais alguns anos, graças ao clima ameno que as acolhe e conserva desenvoltas ainda depois de passarem o terrivel Rubicão da idade madura; mas tambem desconfio (aqui para nós) de que, em Nice, existem muito amadores do belo sexo... já pilado!

O recairem sobre elas, com reservada insistencia, os olhares prometedores de qualquer rapagão — não acham os leitores? — talvez concorra para as induzir a preferirem as espaventosas «toilettes», que usam, ás tais fitas verdes ou encarnadas no chapeu monumental, etc., etc.

No «Tantcuville», onde casualmente entrei á hora do «flirt», um mancebo simpatico dos seus 27 anos, «atirava-se» valentemente a uma velha arrebitada e gaiteira dos seus 60, excelente ruina, concordo, mas sempre... uma ruina. E o mais interessante do estranho fenomeno é que o simpatico «arqueologo» era quem se evidenciava mais entusiasmado em procurar o olhar languido e convidativo da feliz matrona, que lhe sorria, delambida, por detraz do seu leque de rendas caras.

Ela, por fim, levantou-se depois de saborear ás colherinhas, pacientemente, um «vanille panaché»; e o seu incrivel admirador lá foi atraz, seguindo-a e cortejando-a, anciosamente aguardando o «momento psicologico» de lhe murmurar, a um voltar de esquina, qualquer logar comum mais ou menos audacioso.

O que o impressionára, preguntei eu a mim proprio? A mocidade perdeu o juizo, ou foram as velhas que acabaram de o perder?

Não é facil a resposta, mas eu penso que o estranho fenomeno tem varias explicações, que a indole desta ligeira cronica me não permite indicar. Os leitores procurem interpretá-lo nas entrelinhas.

Para terminar, apenas citarei a profunda resposta dum velho estadista republicano, o qual, ao censurá-lo certa dama impertinente, porque todos os anos baptisava um filho, exclamou:

— «que fazer, minha senhora? Os novos não cumprem o seu dever»...

Daí, talvez, o triunfo das escandalosas «velhas de Nice»...

EMIDIO GARCIA

DE LONDRES

O trigo da Russia vai para Inglaterra

A produção russa atingiu meio milhão de toneladas

LONDRES, 19

A cooperativa dos importadores inglezes aceitou o oferecimento da delegação comercial russa para introduzir em Inglaterra grandes quantidades de trigo, cuja produção atingiu este ano, na Russia, mais de um milhão de toneladas.

Segundo consta, a cooperativa dos importadores entabolou negociações para a conclusão de um acordo entre duas das maiores casas importadoras de trigo e a Furness Withy and Company, a importante empreza de navegação mundialmente conhecida, a qual poria á disposição do sindicato a sua enorme frota mercante, garantindo assim a introdução regular em Inglaterra de todo o trigo comprado na Russia.

Os jornais dizem que esta operação, a fazer-se, será da maior importancia para o país. Encaram, sobretudo, a hipotese de se poder importar da Russia, em uma unica estação, mais de um milhão de libras esterlinas de trigo, importancia essa que poderá constituir a base para uma exportação de artigos manufacturados superior em mais de dobro ao total dos trigos importados.

Esse facto constituiria, só por si, uma sensivel melhoria na vida economica inglesa, pois fomentaria a colocação dos numerosos desempregados existentes actualmente em Inglaterra. — (R.)

O concurso

dos aviões minusculos

LONDRES, 19

O sr. Perrin, secretario geral do Real Aereo Club, declarou que os meios oficiais estavam muito satisfeitos pelos resultados do concurso de aviões minusculos em Lympne. O sucesso encorajou a organização de novos concursos para 1924 devendo aí apresentar-se aeroplanos minusculos com dois lugares. — (R.)

A situação

das ilhas Filipinas

LONDRES, 19

Comunicam de New York que a situação nas Filipinas se tem agravado, tendo os indigenas incendiado uma escola americana e assassinado três oficiais e um soldado de guarnição.

Foram enviados reforços de tropas americanas para assegurar a manutenção da ordem. — (L.)

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis

T. N. de S. Domingos, 9 1.°, ás 15 h. Telef. 5205

SCALABITANOS

Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!

DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196

RUA AUGUSTA, 70, 2.°

MAQUINAS DE ESCREVER IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 3, 1.° (Proximo á estação).

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

DINHEIRO! DINHEIRO!

O caso dos 60 milhões de moedas

(continuação da 5.ª pagina)

a claro na sessão de ontem da Camara dos Deputados.

Entendeu, com justiça, o ministro das Finanças, que devia esclarecer a historia do contra-despacho, para que não subsistissem quaisquer duvidas. E disse, pouco mais ou menos:

—Disse-me o director da Casa da Moeda, que a cunhagem em cupro-niquel demoraria cerca de desoito meses. Eu, entendendo que se tratava de uma urgencia, e ao encarecerme o sr. Anibal Lucio de Azevedo a rapidez do processo de cunhagem em discos já feitos, contra-despachei em favor da liga de bronze-aluminio.

Eis o que opoz a isto Anibal Lucio de Azevedo?

—Que dissera, tambem, ao ministro que, desde que se organizassem melhor os serviços na Casa da Moeda e se modificassem umas coisas, a cunhagem se poderia efectuar em seis meses...

Ora, temos em nosso poder uma declaração rubricada por um dos concorrentes ao simulacro de concurso, anterior ao que ontem se realizou—outra *historia* que merece completa averiguação!—em que figura uma declaração feita por Anibal Lucio de Azevedo a ele, *de que a moeda em bronze de aluminio seria feita, liga e cunhagem, na Casa da Moeda.*

Está esta declaração em contradição manifesta com uma outra que o director da Casa da Moeda fez ao *Diario de Lisboa* em 17 do mês passado: «*vamos comprar, em vez de barras, os discos ás casas francesas da especialidade*».

E como se não bastasse este montão de coisas contradictorias, que, no fundo apenas **provam** que Anibal Lucio de Azevedo **mistificou** o ministro das Finança, ha ainda o seguinte:

Pelas cartas abertas no concurso ontem realizado, verifica-se que *só a entrega* dos discos, que não deve começar *imediatamente*, demora mais de seis a oito meses. No entanto, isso não evitava que Anibal Lucio de Azevedo, tambem no *Diario de Lisboa* de 17 de Novembro, dissesse:—*conto lançar na circulação, dentro de oito meses, o maximo, sessenta milhões de moedas.*

Foi, portanto, **ludibriado,** o sr. Velhinho Correia. Ludibriado pela preocupação de *rapidez* de Anibal Lucio. Rapidez essa, que não sabemos bem se era a de lançar as moedas em circulação, se a de recolher os lucros do negocio.

A ultima palavra

O *Diario de Lisboa*, que não costuma deixar as questões que trata, em suspenso, ainda não disse **a ultima palavra.** Os leitores terão de esperar algum tempo mais. Mas desde já verificam o seguinte:—as nossas **acusações** estão de **pé,** e Anibal Lucio de Azevedo, ao fim de varias malabarices proprias de um louco, não **destruiu** nem **uma!**

Realizou-se ontem o concurso e a respectiva documentação encontra-se em poder do sr. ministro das Finanças. Ele ha de decidir e temos a maxima confiança em que os interesses do Estado serão acautelados. No entanto, duas preguntas lhe dirigimos:

—Não seria conveniente, atendendo ás anormais circunstancias em que esse concurso foi realizado, renová-lo em bases de inteira segurança para o Estado e para o fornecedor?

—Não se impõe a **imediata** suspensão de Anibal Lucio de Azevedo, suspensão que ele ontem, muito contra-vontade, pediu no Parlamento?

De resto, talvez a esta hora já estas duas interrogações sejam desnecessarias, por lhes estar dada a respectiva resposta. O sr. Velhinho Correia não descurará os interesses e a dignidade do seu cargo. Mas que fiquem aqui estampadas, para alivio completo da nossa responsabilidade.

L' Consiglieri Sá Pereira

A POLITICA DE HOJE

Cairá o Governo?

Fala o sr. dr. José Domingues dos Santos

A politica de hoje—prato favorito do leitor—começa por uma noticia simples de «carnet mondain»:

«Parte hoje para o Porto regressando na segunda feira ao seio da maioria democratica, o sr. dr. José Domingues dos Santos.»

Ao primeiro golpe de vista, a informação parecerá desinteressante. Mas não o é. Se o dr. José Domingues dos Santos vai passar dois dias de ferias á terra onde tem vida estabelecida—é porque a Politica pode parar na sua marcha forçada para destino ainda desconhecido, um punhado de horas.

O que vai passar-se depois?

—Não o saberia dizer nem o proprio dr. Almeida Ribeiro, «leader» jurídico do partido democratico, delegado ao Parlamento.

Saberá dize-lo o dr. José Domingues «leader» politico da maioria?

Talvez... se bem que ele confesse, logo de entrada, com o sorriso franco e amigo de sempre:

—Hoje sou um politico *esfingico.* (O esfingico foi pronunciado em italico sorridente).

—Mas o ministerio fica ou cai?

—Se não se recompuzer, cai. Mas se porventura. .

—Fica. Esse conceito, doutor, pertence ao Amigo Banána.

—Pois eu hoje sou até Amigo Banana, se você quizer. Não digo nada, nada... Não posso...

—Porque o seu nome já foi falado para uturo chefe de gabinete?

—Simplesmente porque sou o mais disciplinados dos soldados do meu regimento politico. Aguardando ordens e cumprindo-as o melhor que sei, permito-me tambem agitar ideias. Com ponderaçãa, com sensatez, com calma ..

—E essas ideias?

—Não insisto. Eu não aspira á presidencia ministerial. Sou português, sou republicano e parece-me que...

—Parece-lhe que o governo actual não póde sustentar-se por mais tempo...

—Não sou eu quem lh'o diz.

—Que o governo do sr. Antonio Maria da Silva deu o que tinha a dar...

—E que foi muito. Teve uma fase brilhante, no principio, quando o Parlamento. sem distinção de côres, dava a impressão de estar disposto a trabalhar para o bem do país, sem quasi preocupar-se com bandeiras partidarias. Muito se fez, de começo.

—E agora?

—Agora, continua no poder o sr. Antonio Maria da Silva.

—Já sabiamos.

—Para que pregunta, então?

—Para arrancar informes novos...

—Mas eu não sei nada... E mesmo que soubesse.

—As propostas de Finanças?

—São umas propostas de finanças...

—O sr. Velhinho Correia?

—E' o ministro das Finanças...

Neste momento estava quasi desesperado o jornalista. O dr. José Domingues dos Santos, quando «fechado» é muito peor do que o sr. Cancela d'Abreu «aberto»...

Felizmente, o dr. José Domingues, que hoje não trazia cravo na lapela, mas que, em compensação, trazia um brilho de olhar capaz de reduzir a pó o vidro das lunetas, acrescentou:

—Todas as propostas de finanças apresentadas e por apresentar são fundamentalmente boas. O Parlamento é que as torna más porque assesta sistematicamente contra elas as suas baterias, por vezes interesseiras e outras vezes puramente sentimentais...

—Quere o doutor significar que só em ditadura se pode resolver para bem de todos nós a crise financeira?

—Ditadura? Não fale nisso! Estamos fartos de constatar os fins tragicos de todas as ditaduras.

—Mas se fosse constituido um governo de força...

—Exactamente. O país precisa apenas dum governo de força. Nada de governos de concentração, nada de governos de figuras de puro exibicionismo. O meu partido não terá dificuldades para arranjar entre os seus homens um ministerio que se imponha, sabendo ser forte e não se esquecendo nunca de ser leal.

—É verdade que o sr. Velhinho Correia aumentou a circulação fiduciaria?

—Não tenho ainda conhecimento oficial desse assunto. Mas julgo desacertada qualquer campanha que se faça em torno desse importante problema.

—Desacertada?

—Sim. Porque o dinheiro é o carvão da grande maquina do Estado e essa grande maquina, digam os levianos o que disserem, não pode de maneira nenhuma deixar de accionar.

O jornalista que fez uma grande viagem á roda da Baixa, em busca de politicos e de informações politicas, deu por concluida com a afirmação que acima fica, a palestra que entreteve com o dr. José Domingues dos Santos. Minutos depois, cerca das Arcadas, encontrou outro politico de vulto, democratico tambem. E fez logo esta pregunta:

—O governo cai?

—O governo cai.

—Mas diz-se que o sr. Joaquim Ribeiro será convencido a voltar á pasta da Agricultura.

—O sr. Joaquim Ribeiro já se ausentou de Lisboa...

—E' certo. Mas o telegrafo, o telefone e os comboios foram precisamente inventados para as comunicações rapidas...

—Sim?! Pois fique-se com esta: ainda mesmo que o ministro da Agricultura venha a desistir do seu pedido de demissão, a crise é fatal dentro de poucos dias.

—Quem a abre?

—O sr. Velhinho Correia.

—Quem a provoca?

—A propria maioria.

Registe o leitor estas afirmações que, possivelmente, terão confirmação.

OS 500 CONTOS

O FALSIFICADOR DOS CHEQUES

JÁ DEVE ESTAR PRESO

A' hora do nosso jornal entrar na maquina deve já estar prezo o misterioso locatario do predio *N. A.* da Rua de Santa Marta, autor dos cheques falsos, na importancia de 500 contos, que foram descontados na Caixa Geral dos Depositos.

Como foi ele descoberto?

Hão-de estar recordados os nossos leitores que o sr. dr. Paulo Menano esteve ontem na Policia de Emigração, estudando demoradamente o arquivo que ali existe.

Deve ter sido ao folhear as fotografias das pessoas que têm passado por aquela repartição que ele encontrou o retrato do misterioso burlão.

O sr. dr. Paulo Menano, interrogado ontem e hoje pelos *reporters* do governo civil, afirmou que nada sabia e que tinha sido infrutifera a diligencia que efectuara na Policia de Emigração.

Compreende-se muito bem esta reserva, pois que estando comprometido na burla um empregado da Exploração do Porto de Lisboa, o sr. dr. Paulo Menano pretende saber da bôca do burlão o nome do seu cumplice e como os casos se passaram.

UMA DATA LUTUOSA

A noite de 19 de outubro

e a morte do almirante Machado Santos

Machado Santos, o pobre idealista que a maldade dos homens sacrificou ha dois anos, em holocausto á sanha raivosa da politica do seu tempo, teve hoje, dia do aniversario do seu assassinio, quem o recordasse com piedade, quem evocasse a sua memoria, aureolada de honra e de saudade.

Pouca gente—umas centenas de amigos—; mas... ditosos, ainda assim, aqueles, cujo nome resiste, numa epoca de egoismo tôrvo como o nosso, a dois anos de silencio na jazida de um tumulo.

A manifestação partiu, pouco depois das 15 horas, do Rocio, de junto á estatua do Libertador. A' frente, a bandeira, traçada a negro, dos combatentes de Monsanto; a fazer-lhe cerco um grupo de homens — os que se bateram pela Republica — gente de trabalho, creaturas cujo aspecto as denuncia como alheias á ganancia dos negocios e ás traficancias dessa politica reles a que chamam de arranjismos; depois, numa carreta dos bombeiros, o retrato do almirante a descansar num cômro de verdura e flores; logo a seguir, a banda da Guarda Republicana executando impropriamente uma marcha alegre, uma marcha de cortejo civico ou de arraial em festa. Por fim, o restante do acompanhamento.

Politicos graduados, nem um. Toda aquela gente que lá ia, era da que não sabe mentir quando presta homenagem á memoria de um morto.

No Intendente, o cortejo parou. Os homens descobriram-se todos, num respeito de emocionar.

—Foi aqui,—segredaram algumas vozes.—Foi aqui que o mataram. Malandros!

Um revolucionario — Magalhães Ferraz — trepou a um banco do caminho; fez dele tribuna, e falou dest'arte ao auditorio, que o fixava atento:

—Cidadãos:—Foi aqui que, ha dois anos, assassinaram cobardemente o fundador da Republica. Eu peço a este punhado de republicanos que me ouve, que consagremos á memoria do martir dois minutos de silencio!

Fez-se o silencio. Em muitos olhos afloraram lagrimas; as mulheres que passavam paravam para se associar, numa devoção, ao preito saudoso dos homens; o retrato de Machado Santos, pendente da carrêta, pareceu olhar com altivez maior a multidão dos circunstantes; e o revolucionario, para indicar o fim da homenagem, bradou lá da tribuna improvisada em que se mantinha:

—Honra e gloria ao santo martir da Republica!

Ninguem lhe respondeu. Por outra: responderam-lhe com aplauso todos os corações.

E o cortejo lá seguiu, Avenida acima, a caminho do cemiterio.

Uma missa por alma de Antonio Granjo

Sufragando a alma do malogrado dr. Antonio Granjo foi hoje resada uma missa na igreja dos Martires, celebrada pelo reverendo padre Elias de Sousa. Entre a assistencia que era numerosa e na qual se destacava o elemento feminino, alem de outros os srs. dr. Julio Cruz, esposa e sogra, Luis Abreu da Cunha, Luis Barreiros, Antonio José Pereira, governador de S. Tomé e diversos representantes da imprensa.

VIAJANTES

Chegou ontem a Lisboa, no rapido de Madrid, o sr. Abelardo Lopez Peyro, nosso prezado amigo, grande admirador de Portugal.

Pessoal dos arsenais

Uma comissão de arsenalistas procurou hoje o sr. ministro da Marinha, pedindo-lhe melhoria de situação.

Tribunal de marinha

Sob a presidencia do capitão de mar e guerra sr. Isidro Pedro Leger Pereira Leite, realisou-se hoje no Tribunal de Marinha, o julgamento do 2.º fogueiro n.º 3373 Arnaldo João Paulo, acusado de ter morto em 23 de Outubro de 1922 no Funchal, o chefe da policia Mario Raul Aguiar.

A' hora de fecharmos o jornal ainda não foi lida a sentença.